

CONCEITOS DA GEOGRAFIA NO ESTUDO DAS DINÂMICAS DOS PROCESSOS SOCIOCULTURAIS NA FRONTEIRA BRASIL- GUIANA

Introdução

Estudar os processos socioculturais na fronteira Brasil-Guiana se justifica à medida que permitirá compreender as dinâmicas decorrentes das migrações, dos encontros culturais, das identidades entre as duas nações relativas ao trânsito de informações, mercadorias e força de trabalho. Os conceitos geográficos são importantes para compreender as especificidades da fronteira e assim apreender os significados e implicações do encontro de culturas e do processo de construção e reconstrução de identidades, bem como das configurações sociais e econômicas decorrentes.

O estudo sobre realidade espacial da regionalização transnacional na América do Sul implica reconhecer que há uma multiplicidade de fatores que se inter-relacionam como forças profundas de maneira persistente ao longo do tempo.

É sabido que na fronteira internacional entre Brasil e Guiana diariamente transitam pessoas e mercadorias que configura um trânsito transfronteiriço, por envolver sujeitos sociais dos dois países, e que de ambos os lados da fronteira, encontram-se migrantes nacionais e guianenses.

1 Caracterização do Locus da Pesquisa

O ponto focal desta pesquisa será a fronteira da Unidade Federativa de Roraima, envolvendo do lado brasileiro o município fronteiriço de Bonfim e do lado guianense a cidade de Lethem que faz fronteira com o Brasil. A guisa de explicação traçam-se breves esboços sobre essas localidades.

* Mestrando em Sociedades e Fronteiras, pós graduado em Educação Inclusiva UNISEB-COC/SP, graduado em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia pela Universidade Federal de Roraima.

O estado de Roraima, cuja capital é Boa Vista, estende-se por uma área de planaltos e escarpamentos que integram o planalto das Guianas, com altitudes bastante diferenciadas. Essa Unidade Federativa está localizada na região Norte do Brasil. Segundo Freitas (1998), os seus limites são: ao Norte com a República Bolivariana da Venezuela e República Cooperativa da Guiana; ao Sul com o estado do Amazonas e com o estado do Pará; a Leste com a República Cooperativa da Guiana; a Oeste com o estado do Amazonas e com a República Bolivariana da Venezuela.

O Município de Bonfim, localizado no Estado de Roraima, surgiu no século XIX, como núcleo de comércio para atender a demanda regional da pecuária bovina, se mantendo neste contexto econômico no século XXI. Possui plano urbano de disposição de casas e ruas, fonte de eletricidade estável interligada ao Sistema de Interiorização da Energia de Guri e capital regular para investimentos básicos (GUIA, 2009).

A ligação do referido município à Boa Vista é feita pela BR-401, que é totalmente pavimentada. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com o Censo Demográfico de 2010, foi detectado uma população de 10.951 habitantes para todo o município, fala-se, além do português, também o inglês em decorrência da forte presença de guianenses na cidade.

Segundo Silva (2005), Lethem é uma pequena vila pertencente à República Cooperativa da Guiana, localizada à margem direita do Rio Tacutu, fronteira com o Brasil, a uma distância de 128 km de Boa Vista, sede administrativa do estado de Roraima e a 700 km de Georgetown.

Cerca de 22.000 pessoas vivem na região do Upper Takutu-Upper Essequibo, da qual Lethem é a capital, cuja população é de aproximadamente 3.000 habitantes, considerando Tabatinga e Cuvelt City, vilas anexas. Da população que vive em Lethem, 40% são indígenas, excluindo a Missão St. Ignácio, que tem uma população de 1.600 pessoas, das quais 1.400 dessas são indígenas (SILVA, 2005, p.9).

1.1 Fluxo entre Bonfim e Lethem

A zona de fronteira é composta por “faixas” territoriais de cada lado do limite internacional. No que se refere ao Brasil corresponde “à faixa de até cento e cinquenta quilômetros de largura, ao longo das fronteiras terrestres, designada como faixa de fronteira, é considerada fundamental para a defesa do território nacional, e sua ocupação e utilização serão reguladas em lei” (BRASIL, 1988, art.20 § 2º).

A palavra fronteira evoca um limite ou linha divisória entre entidades diferen-

tes e, por consequência, o lugar substantivo ou simbólico onde essas entidades se encontram. A noção de fronteira pode referir-se tanto aos bordos formais que demarcam o fim e o começo das diferenças como ao espaço concreto que emerge do encontro dos diferentes e aos discursos que constroem sua especificidade enquanto lugar onde a continuidade cultural e identitária se interrompem.

As estruturas sociais desenvolvidas nos lugares de fronteira não são apenas locais, mas também inovadoras, em virtude do hibridismo e/ou multiculturalismo que as caracterizam. A fixação de limites concretos entre Estados-nação e seus dispositivos culturais e políticos produzem efeitos materiais e simbólicos, que muitas vezes implica na falta de coincidência entre fronteiras dos sistemas políticos e as fronteiras culturais. A fronteira não pode mais ser descrita apenas como algo que divide, mas como zonas permeáveis e porosas onde os processos de interculturalidade se acentuam.

A fronteira Brasil-Guiana estabelece a divisão espacial que marca a soberania de cada Estado-nação sobre seu respectivo território. Entretanto essa mesma fronteira apresenta-se como importante zona de intercâmbio, onde os avanços da tecnologia, no âmbito dos meios de transporte e comunicação, contribuem para a intensificação das trocas de mercadorias e informações, bem como o fluxo de pessoas, sejam elas turistas ou migrantes (temporários ou não).

No entanto, de acordo com Retis (2005), na América do Sul, grande parte das áreas de fronteiras possui um baixo nível de desenvolvimento, baixa densidade populacional, tendências à monocultura, e forte dependência em termos comerciais, financeiros e políticos dos principais centros de decisão de seus respectivos países.

Levando em consideração o contexto social o qual o Brasil está inserido, há um intenso trânsito migratório nas áreas de fronteira. Segundo Pereira (2006), esse trânsito migratório de pessoas, explica os deslocamentos de mercadorias e de significados simbólicos de um lado a outro da fronteira dos dois países. Além da movimentação de mercadorias, existe um intercâmbio de etnias e nacionalidades em torno do interesse comercial e econômico.

Na fronteira entre o Brasil e a Guiana, com o evento da inauguração da ponte¹ sobre o rio Tacutu que ligou efetivamente estes dois países, foi aberto um novo corredor que veio facilitar não só o comércio e transporte de mercadorias, mas de pessoas, que até então, eram obrigadas a cruzar a fronteira utilizando a balsa e os barqueiros, pagando por esse serviço.

1 A ponte é parte do projeto estratégico do Arco Norte, que liga Roraima às capitais da Guiana, Suriname, Guiana Francesa ao estado brasileiro do Amapá, integrando o norte brasileiro ao Caribe

Com a ponte houve um acirramento no fluxo de pessoas em direção a Lethem para fazer compras no comércio, principalmente turistas vindo da Metrópole Regional (Manaus), intensificando o comércio, promovendo um rápido crescimento e desenvolvimento econômico local, inclusive com significativas melhorias nas lojas, nas ruas, além do aumento do número de vagas de trabalho e renda.

Os eventos, como construção de fixos e ligam fluxos, mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características. Segundo Brunhes (1962 apud, SANTOS, 1997, p. 116), “o cenário geográfico permanece o mesmo, mas os homens que nele habitam passam por necessidades crescentes, mutáveis e crescentemente complexas”².

Estes eventos podem ser naturais e/ou sociais ou históricos, onde os primeiros resultam do próprio movimento da natureza e os eventos sociais ou históricos resultam da ação humana, da interação entre os homens, dos seus efeitos sobre os dados naturais.

Com a inauguração da ponte internacional ligando os dois países (inaugurada em 2009), houve aumento do trânsito transfronteiriço com transformações provocadas por esse evento, percebidas já de imediato, como o deslocamento, outrora fluvial, agora terrestre, tanto de pessoas como de veículos com de mercadorias, em que era exigido um tempo maior para a travessia, portanto, a construção e abertura da ponte aos deslocamentos é um evento social e histórico e no contexto de fronteira internacional é também global.

Do ponto de vista do evento, no caso específico, da ponte é necessário discernir entre a existência do objeto e o valor do objeto. O objeto, de acordo com Santos (1997, p. 124), “tem um valor como coisa, mas o seu valor como dado social vem de sua existência relacional”. Essa valoração do objeto está ligada à maneira como a sociedade dele se utiliza. Com a liberação do tráfego sobre o rio Tacutu que liga a cidade de Bonfim no Brasil e Lethem na Guiana, o governo brasileiro terá o seu principal objetivo atendido e que foi a razão primeira da sua construção, visando o escoamento da produção da Zona Franca de Manaus, já que a construção da referida ponte foi de iniciativa federal.

Uma das características do mundo atual é a exigência de fluidez para a circulação de idéias, mensagens, produtos ou dinheiro. A fluidez contemporânea é baseada nas redes técnicas, que são um dos suportes da competitividade. Assim, fluidez é ao mesmo tempo, uma causa, uma condição e um resultado;

2 BRUNHES, Jean. Geografia humana. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

Criam-se objetos e lugares destinados a favorecer a fluidez: oleodutos, gasodutos, canais, autopistas, aeroportos. Esses objetos transmitem valor às atividades que deles se utilizam. Nesse caso, podemos dizer que eles “circulam”. É como se, também, fossem fluxos (SANTOS, 1997, p. 218).

Não é à toa que palavras de ordem atuais são a fluidez e a competitividade. A exigência da fluidez manda baixar fronteiras, melhorar transportes e comunicações.

Assim, de acordo com Pereira (2006, p. 4), as observações de campo, confirmadas pelas entrevistas locais, demonstraram que, no mercado informal, a composição étnica assim se distribui: os barraqueiros, que são, em sua maioria, guianenses se estabelecem em Boa Vista e Bonfim; os atravessadores, a maior parte é de brasileiros regionais (notadamente no comando da venda de peixes e de produtos hortigranjeiros); os indígenas, que estão na feira em três situações: os de diferentes nacionalidades (incluindo bolivianos), que vendem pequenas mercadorias industrializadas, na condição de vendedores ambulantes (sem barraca); os indígenas barraqueiros (especialmente brasileiros), que vendem produtos hortigranjeiros e temperos e são moradores de Boa Vista e por fim, os indígenas das malocas que, com apoio das prefeituras municipais, trazem suas produções para serem comercializadas - a farinha, o milho, o arroz, a mandioca e poucas peças artesanais. Isso demonstra uma forte presença de migrantes e de indígenas que transitam em ambos os lados da fronteira, levando consigo seus hábitos, costumes, crenças, valores etc., que, via de regra, tende a influenciar a cultura do outro, ao mesmo tempo em que são influenciados pelo outro.

De acordo com Laraia (2009, p. 95), qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação. E afirma que “existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro”.

Do lado da Guiana, em Lethem, é comum encontrar brasileiros que emigram em busca de melhores oportunidades de trabalho. Segundo Pereira (2006), existe um fluxo migratório contínuo de brasileiros para Lethem, que são atraídos para trabalhar nos comércios como vendedores (que atendem grande número de brasileiros que adquirem produtos guianenses para revenda) e pela aquisição de produtos como açúcar e alho; além da busca de trabalho no garimpo, adentrando, desse modo, além da fronteira.

Do mesmo modo, há o fluxo de guianenses para Bonfim e Boa Vista com a finalidade de vender seus produtos e procurar emprego em serviços e baixa qualificação e renda. Enfim, ambos os povos deslocam-se diariamente em busca por serviços

públicos (saúde e educação) nos dois lados, sendo que alguns desses deslocamentos acabam efetivando-se numa permanência mais longa, tornando-se migração.

2 Conceitos e Mensurações no Contexto da Ciência Geográfica

Vários são os conceitos encontrados na Ciência Geográfica, que viabilizam a percepção numa análise de valorizar a cultura segundo sua dimensão simbólica, mostrando o papel do homem como agente essencial na transformação do espaço e faz-se perceber e reconhecer os mecanismos que movem as pessoas e as coisas dos lugares, numa perspectiva de verificar e compreender as dinâmicas que se estabelecem.

2.1 Territorialidade e Fronteira

É grande a dificuldade para caracterizar as noções de fronteira e limite no contexto da teoria do estado moderno, porque segundo Machado (2002, p. 1), “sabemos que passaram por muitas evoluções e que são usados numa variedade de sentidos. Ambos mudam com o tempo.” A fronteira, portanto, é um perímetro instaurado por um *poder* cujo projeto político é de afirmar e distinguir-se das outras entidades territoriais.

É o que Meira Mattos (1975) assinala de distinção do “meu do teu”, ao se referir a domínios territoriais às margens de Estados Nacionais. Ela supõe efetivamente a descontinuidade que o limite mesmo implica e freqüentemente apresenta-se como uma zona vulnerável que, sujeita a um risco, pode clarear em um conflito, como muito ocorria até meados do século passado e ainda hoje ocorre, porém de forma mais pontual.

Conforme menciona Costa (1999), uma fronteira política, é um espaço privilegiado de afirmação e reconhecimento de poderes políticos. É o atributo de um poder que fixa limites muitas vezes impostos no espaço, nascendo assim o território, formado fundamentalmente a partir de relações de poder de determinado agente.

Espaço e território não são termos equivalentes. O espaço é anterior ao território, pois de acordo com Raffestin (1993, p. 143), “o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator territorializa o espaço”. O espaço não tem valor de troca, mas somente valor de uso. O território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço.

A territorialidade do espaço segundo Raffestin (1993, p. 160), pode ser definida como “um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional

sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema”.

As fronteiras territoriais também são essenciais, uma vez que delimitam a área alcançada por essas relações de poder, sendo as mais conhecidas, as fronteiras nacionais e outras delimitações políticas.

A abordagem da territorialidade dentro de uma pesquisa supõe uma crítica política de problemas do espaço, em uma perspectiva de análise de lutas étnicas como processos geopolíticos que envolvem disputas territoriais entre Estados Nacionais. Nessa perspectiva segundo Lefebvre (1978, p. 259), ”entende-se território como um espaço no qual se inscrevem relações sociais, visto que nele se projetou trabalho humano, o que lhe confere uma significação histórica”.

O resultado da ação de atores sociais diz respeito a lugares nos quais se imprimem relações de poder entre indivíduos e redes sociais. Esses lugares, por definição, não são homogêneos, pois expressam clivagens sociais, relações entre alteridades, associadas à sua territorialidade, que “reflete a multidimensionalidade territorial do vivido pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral” Raffestin (1993, p. 143).

Portanto, a interação entre os estados territoriais na zona de fronteira se expressa frequentemente através da vinculação social e cultural, adotando-se reciprocamente usos, costumes, valores e expressões idiomáticas que são próprias e distintas das cidades que, mesmo separadas por um limite estabelecido, criam um lócus de interação próprio, só perceptível naquele espaço geográfico. Nessas cidades se produz uma interface, cujas influências recíprocas determinam comportamentos socioeconômicos e culturais que as diferenciam do restante de seus respectivos países, em que se formam verdadeiras *sociedades transfronteiriças*, conforme menciona Farret (1997).

Dessa forma, as culturas se interligam e se reconstróem utilizando elementos materiais como o território. Elas existem num lugar. A forma como se relacionam com o espaço é um elemento básico para a compreensão de uma identidade. O território ao mesmo tempo em que expressa uma cultura, a condiciona. Porém, é possível uma cultura se afirmar fora de seu território tradicional ou é possível ser brasileiro fora do território chamado Brasil. Aliás, é provável que um brasileiro se sinta até mais brasileiro fora do Brasil, pois contrastará com o diferente.

Cabe aqui denominar as cidades de Bonfim e Lethem como cidades fronteiriças, onde as culturas, dos dois lados, são ao mesmo tempo separadas pelo papel do território constituinte nacional, elas interagem num entrelaçamento permanente de idas

e vindas de pessoas e mercadorias que se misturam, formando algo peculiar com atrativos, pois segundo Ravenstein (1980, p. 69), as “cidades que se situam próximas a fronteiras de Estados tornam-se, virtualmente, centros de atração de emigrantes dos dois Estados.” Ambas também podem ser classificadas de “cidades-gêmeas” devido a,

serem núcleos urbanos simetricamente dispostos dos dois lados de um limite internacional, usualmente vinculados à posição privilegiada em relação às redes de comunicação. Dessa proximidade deriva intenso intercambio de pessoas, serviços, capitais e informação, mas de modo assimétrico, às vezes complementar, às vezes competitivo (HOUSE, 1980, p.458).

Sobre as zonas de fronteira Becker, (2006, p. 57) assinala que é uma zona de interpenetração mútua e de constante manipulação de estruturas sócio-políticas e culturais distintas, cada lado da fronteira apresenta estruturas culturais, sociais, econômicas, políticas e demográficas diferenciadas. Caracterizam-se por serem locais de instabilidade e mutabilidade, onde podem surgir reações e conflitos de diferentes naturezas (nacionalistas, libertadores, econômicas, etc.), a partir tanto das aspirações das populações que vivem nessas zonas, como de pressões externas.

2.2 Emigração e Imigração em Área de Fronteira

Por se tratar de um estudo que envolve deslocamentos populacionais na região da fronteira tendo como referência as cidades de Bonfim no Brasil e Lethem na Guiana pretende-se considerar não só a proximidade geográfica, os laços históricos, econômicos, sociais, culturais que constituem o processo de mobilidade populacional, como também a compreensão do tipo de migrações e suas características.

O deslocamento realizado por um indivíduo ou por um grupo de pessoas, que se desloca de um lugar para outro no qual pretende viver, fixar residência denomina-se por migração. A população que realiza esses deslocamentos é chamada migrante; se esse movimento for de saída (de seu país de origem, por exemplo), também é conhecida como emigrante. O movimento contrário, de entrada, distingue os imigrantes.

Define-se migração como uma mudança permanente ou semipermanente de residência. Não se põem limitações com respeito à distância do deslocamento, ou à natureza voluntária ou involuntária do ato, como também não se estabelece distinção entre migração externa e a migração interna. Assim, considera-se como ato migratório:

tanto um deslocamento que se processa de um departamento do lado direito do corredor

para um departamento do lado esquerdo, como um deslocamento de Bombaim, na Índia, para Cedar Rapids, Iowa (USA), embora seja natural que o início e as conseqüências desses dois deslocamentos apresentem diferenças imensas (LEE,1980, p. 99).

Os conceitos geográficos e suas definições fornecem subsídios para a caracterização desse deslocamento populacional, no entanto, dificuldades são encontradas para classificar essa modalidade, se como migração internacional ou como extensão da migração interna entre os países, pois documentos de transito entre as aduanas não são exigidos, ficando o livre tráfico de mercadorias e pessoas.

Pelo fato exposto acima, existe a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada para definir como este tipo de deslocamento pode ser mais bem analisado, para se buscar uma definição que possa encaixá-lo nos conceitos de migração. No entanto, percebe-se que, a definição de migração pendular poderá caracterizar este tipo de migração, por esses deslocamentos serem diários envolvendo trabalhadores que moram numa cidade e retornam a seus lares após a jornada de trabalho, como também poderá ser identificado como transfronteiriço, que é o movimento de pessoas que diariamente atravessam a fronteira entre dois países para trabalhar, usar serviços, etc.

As dinâmicas dos processos socioculturais são provocadas pelos deslocamentos de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico. Mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é segundo Sayad (1998, p. 15), “também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente”.

É este deslocamento que ele define como imigração, e falar de imigração é falar da sociedade como um todo, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes na sociedade e de seu funcionamento, sem nos desprender de uma de suas partes integrantes, a parte relativa à emigração.

Este autor ainda salienta que:

o imigrante só existe na sociedade que o assim denomina a partir do momento em que atravessa as suas fronteiras e pisa seu território; quando nos interrogamos sobre o nascimento para a imigração, ou seja, na verdade, sobre o nascimento da emigração, somos impelidos a buscar as causas, a razão, o princípio explicativo, em suas próprias estruturas internas (suas estruturas econômicas, o mercado de trabalho, suas estruturas demográficas, suas estruturas sociais,etc)(SAYAD,1988, p. 15).

2.2.1 Fatores do fluxo em área de fronteira

Quando se estuda a imigração deve-se sempre buscar saber quando acontece esse “nascimento” e buscar as causas, a razão, o princípio explicativo em suas

próprias estruturas internas, ou seja, em suas estruturas econômicas, o mercado de trabalho, estruturas sociais e demográficas.

Neste sentido já foram evocados, um após outro, o déficit demográfico, a expansão econômica de determinados períodos e o mercado de trabalho quando a oferta de emprego se torna, pelo menos em alguns setores, superior à demanda local.

Esse modo de explicação, para ser mais completo e mais esclarecedor, deve levar em conta que, de acordo com Sayad (1998, p. 18), “se lembrasse que o imigrante, antes de nascer para a imigração, é primeiro um emigrante”. Afirmar que o imigrante é essencialmente uma força de trabalho e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito.

A maior parte das informações disponíveis sobre movimentos migratórios é proveniente de levantamento em que a unidade a que se referem os dados é o indivíduo ou, na melhor das hipóteses, a família. Desta maneira, as causas das imigrações quanto aos motivos que os teriam levado a essa condição, quase sempre as respostas da maioria dos imigrantes são: motivação econômica (procura de trabalho, melhora das condições de vida, etc.) e para acompanhar o esposo, a família ou algo deste estilo.

Torna-se evidente o lado econômico, o que é comprovado por Singer (1980, p. 236), quando afirma: “as causas são sempre de fundo econômico”, mesmo levando em conta que essas informações combinem unidades de análise a níveis individual e agregado, o motor da imigração é sempre a desigualdade regional, e a sua motivação é sempre o econômico.

Para um aprofundamento nas análises das características dos imigrantes da região de fronteira ora estudada, faz-se necessário um trabalho *in loco* que questione aspectos sociais (idade, sexo, estado civil, grau de instrução, profissão) pois segundo a ONU (1980, p. 340), “os dados permitem acesso ao extenso campo de análise dos diferenciais e seletividade migratória”.

De acordo com Lee (1980, p. 100), “em qualquer área, existem inúmeros fatores que atuam no sentido de reter as pessoas dentro da própria área ou de atraí-las para si, e outros que tendem a expulsá-las”, portanto, faz-se necessário também, investigar os fatores que entram na decisão de migrar que são: fatores associados ao local de origem; fatores associados ao local de destino; obstáculos intervenientes; além dos fatores pessoais.

Ainda segundo Lee (1980, p. 322), a área de origem (de saída) e área de destino (de entrada), deve ser analisada prioritariamente, pois, os lugares e tempo do deslocamento são individualmente diferentes e requer um aprofundamento para se

aproximar da problemática a ser analisada, principalmente em áreas de intenso fluxo, como no caso das cidades fronteiriças, pois baseado em Ravenstein (1980, p. 55) “o processo de absorção é o inverso do de dispersão, mas assemelha-se a este de que cidades absorvem primeiramente migrantes de suas (...) fronteiras, antes de atraírem recursos humanos de partes mais distantes do país”.

Considerações Finais

O espaço fronteiriço entre Brasil e Guiana, vem sendo modificado em função dos avanços tecnológicos de comunicação e transporte, que o torna local de encontro e lugar privilegiado que permite o estudo e o entendimento das diferentes realidades culturais sobre esse espaço. Este é caracterizado por deslocamentos contínuos, que favorecem a migração e ao mesmo tempo, este processo migratório proporciona encontros culturais e jogos de identidades.

A Geografia é a ciência que trabalha na interface sociedade/natureza, por excelência. Neste sentido, os conceitos geográficos são de grande importância por através deles, se chega ao conhecimento tanto da dinâmica humano/social, como físico/natural quando incluídos na reprodução do espaço. Estes, não devem ser estudados isoladamente, mas sim as inter-relações que se estabelecem no processo de reprodução formado no contexto do modo capitalista de produção global.

Neste sentido, será importante para o pesquisador o conhecimento do espaço e suas dimensões físicas, humanas e de como se dá sua apropriação na reprodução sócio-espacial. É a partir da visualização da diversidade espacial da paisagem, que será compreendido o espaço geográfico na sua totalidade.

Mais do que refletirem uma realidade, os conceitos são “instrumentos” não apenas no sentido analítico, como auxiliares de interpretações.

Referências Bibliográficas

BECKER, B. K. *Amazônia: geopolítica na virada do terceiro milênio*. 2 ed. Rio de Janeiro:Garamond, 2006.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Fronteira: Faixa, Ocupação e Utilização – art. 20, § 2º, e art. 91, § 1º, III Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao>. Acesso em: 03 maio 2012.

- COSTA, W. M. Políticas territoriais brasileiras no contexto de integração sul-americana. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 25-41, jul/dez. 1999.
- FARRET, R. Especificidades das áreas urbanas de fronteiras. In: IARA, R. C.; KOCH, M. R.; OLIVEIRA, N.; SCHÄEFFER, N. O. & STROHAECKER, T. (org.) *Fronteiras na América Latina: espaços em transformação*. Porto Alegre: UFRGS/FEE, 1997.
- FREITAS, L. A. S. de. *Estudos Sociais Roraima Geografia e História*. São Paulo: Cor Print, 1998.
- GUIA Turístico de Roraima: ecológico, histórico e cultural. Boa Vista/RR: SEPLAN, 2009.
- HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HOUSE, J. W. "The frontier zone: a conceptual problem for policy makers". In: *International Political Science Review*, vol. 1, n° 4, 1980.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 03 maio 2012.
- LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: BNB. *Migração Interna: textos selecionados*. Tradução de Hélio A. de Moura. 1 t. Fortaleza: ETENE, 1980, p. 89-114. (Estudos Econômicos e Sociais, 4). (Traduzido do original: a Theory on migration).
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.
- MACHADO, L. O. *Sistemas, Fronteiras e Território*. UFRJ, 2002.
- MEIRA MATTOS, Carlos. *Brasil Geopolítica e destino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais. *Conceitos Básicos, Definições e Mensuração da Migração Interna: excertos do Manual VI da ONU*. Tradução de José Alexandre Robatto Orrico. In: BNB. ETENE. *Migração interna: textos selecionados*. 1 t. Fortaleza: ETENE, 1980, p. 313-353. (Estudos Econômicos e Sociais, 4). (Traduzido do original: Naciones Unidas, Manual VI: métodos de medición de La migración interna).
- PEREIRA, M. C. Processos migratórios na fronteira Brasil-Guiana. In: *Estudos Avançados*. [online]. v. 20, n. 57, p. 209-219, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 22 abr. 2012.
- PÓVOA NETO, H. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para a análise. In: *Revista e Experimental*, São Paulo, FFLCH/USP, v.2, mar. 1997, p. 11-24.
- RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993, 269p.
- RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: BNB. *Migração interna: textos selecionados*. Tradução de Hélio A. de Moura. 1 t. Fortaleza: ETENE, 1980, p.20-88 (Estudos Econômicos e Sociais, 4). (Traduzido do original: The laws of migration).
- RETIS- DIRETÓRIO DE GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL *Proposta de reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira*. Ministério da Integração Nacional, Secretaria de Programas Regionais, Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005. Disponível em: <<http://fronteiras.igeo.ufrj.br>> Acesso em 05 maio.2012.
- RORAIMA. Governo do Estado de Roraima. Departamento de Turismo. *Inventário Turístico do Município de Amajari*. Boa Vista, 2010.

- OLIVEIRA, R. C.; STEPHEN, G. B. (Org.). *Nacionalidade e etnicidade em fronteiras*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.
- SALIM, C. A. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 1991, Campinas. *ANAIS...*Campinas: ABEP, 1992, p. 119-144.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 1997.
- _____. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998, 190 p. (Geografia: teoria e realidade; 25).
- SAYAD, A. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SILVA, C. A. B. da. *A Revolta do Rupununi: uma etnografia possível*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Campinas, 2005. 267f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- SILVA L. R. da . *A natureza contraditória do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 1991.
- SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: BNB. ETENE. *Migração interna: textos selecionados*. 1 t. Fortaleza: ETENE, 1980, p. 211-244 (Estudos Econômicos e Sociais, 4).
- VALE, A. L. F. *Migração e Territorialização: as dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista/RR*. Presidente Prudente, 2007. 293f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual Paulista.

